26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

PRÁTICAS INFORMACIONAIS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

INFORMATIONAL PRACTICES TO POSTPONE THE END OF THE WORLD

Renata Lira Furtado – Universidade Federal do Pará (UFPA)
Maria Ivone Maia da Costa – Universidade Federal do Pará (UFPA)
Vinicius Ramos de Oliveira – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: As práticas informacionais configuram uma abordagem da Ciência da Informação que busca compreender as relações entre sujeitos, informação e cotidiano a partir de uma perspectiva social. A presente comunicação tem como objetivo refletir sobre práticas informacionais como uma das ideias possíveis para adiar o fim do mundo, a partir do diálogo entre a obra de Ailton Krenak e os modelos de práticas informacionais propostos por Reijo Savolainen. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, caráter exploratório, desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica. Como corpus de análise, a obra foi interpretada por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados permitiram identificar cinco categorias temáticas: Padronização da vida, Território, Saberes e memórias, Orientação da vida e Imaginação. A análise evidenciou que as categorias dialogam diretamente com diferentes eixos das práticas informacionais, sobretudo as que estão relacionadas ao cotidiano, à construção de sentidos, ao compartilhamento de conhecimentos e à criação de novas formas de interpretar o mundo. Também foi possível observar a importância das narrativas, das memórias, dos vínculos com o território e dos saberes coletivos para a continuidade da vida em sociedade. Conclui-se que as práticas informacionais podem contribuir para a valorização de diferentes formas de conhecimento e para a construção de significados que fortalecem os vínculos entre sujeitos, comunidades e seus modos de existência, podendo ser compreendidas como uma das possíveis ideias para adiar o fim do mundo à luz das reflexões de Ailton Krenak.
Palavras-chave: práticas informacionais; modelos de práticas informacionais; Reijo Savolainen; Ailton Krenak.

Abstract: Information practices constitute an approach within Information Science that seeks to understand the relationships between subjects, information, and daily life from a social perspective. This communication aims to reflect on information practices as one of the possible ideas for postponing the end of the world, based on a dialogue between the work of

Ailton Krenak and the models of information practices proposed by Reijo Savolainen. This is a qualitative, exploratory study developed from bibliographic research. As a corpus of analysis, the work was interpreted through Content Analysis. The results allowed the identification of five thematic categories: Standardization of life, Territory, Knowledge and memories, Orientation of life, and Imagination. The analysis showed that the categories directly dialogue with different axes of information practices, especially those related to daily life, the construction of meaning, the sharing of knowledge, and the creation of new ways of interpreting the world. It was also possible to observe the importance of narratives, memories, links with the territory, and collective knowledge for the continuity of life in society. It is concluded that informational practices can contribute to the appreciation of different forms of knowledge and to the construction of meanings that strengthen the bonds between individuals, communities, and their ways of life, and can be understood as one of the possible ideas to postpone the end of the world in light of Ailton Krenak's reflections.
Keywords: information practices; models of information practices; Reijo Savolainen; Ailton Krenak.

1 INTRODUÇÃO

Na Ciência da Informação, a transição dos tradicionais estudos de uso e usuário para a abordagem das práticas informacionais configura-se como um processo de ruptura com o paradigma centrado nas abordagens positivista e cognitiva, focadas na resolução de problemas e no comportamento do usuário, traçando uma nova perspectiva socioconstrutivista direcionada para uma visão crítica e interpretativa dos sujeitos e suas ações dentro de contextos históricos, sociais e do cotidiano (Araújo, 2017).

Nesse sentido, as práticas informacionais se estruturam a partir das contribuições de Reijo Savolainen, que inseriu nos estudos de usuários uma abordagem social e que estabeleceu interlocuções com diversos pesquisadores, inclusive no cenário brasileiro. A matriz teórica proposta pelo autor tem se desenvolvido ao longo de três décadas e se estrutura a partir de três modelos que destacam a compreensão das relações entre sujeito, informação e vida cotidiana: *Everyday Life Information Seeking* - ELIS (Savolainen, 1995); *Everyday Information Practice* - EIP (Savolainen, 2008); e *Expanded Model of Everyday Information Practices* - E-EIP (Savolainen; Thomson, 2022).

O presente trabalho propõe aproximar a obra Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak (2019), da matriz teórica proposta por Savolainen. Essa aproximação surgiu de uma leitura despretensiosa da obra de Krenak, na qual se percebeu que suas reflexões sobre narrativas, memória, território, sonho e modos coletivos de existência dialogam com a abordagem de práticas informacionais.

Embora a obra de Krenak não esteja vinculada diretamente ao campo da Ciência da Informação, suas reflexões possibilitam um diálogo promissor com a abordagem das práticas informacionais, que permite compreender a informação como fenômeno constituído nas experiências da vida cotidiana, nas relações entre sujeitos e contextos sociais, bem como nos processos de busca, uso, apropriação, compartilhamento e criação de sentidos (Savolainen, 1995, 2008; Savolainen; Thomson, 2022).

Ao aproximar essa discussão das reflexões propostas por Krenak (2019), este texto parte do entendimento de que pensar alternativas para os desafios contemporâneos também exige ampliar as formas pelas quais compreendemos a produção de sentidos, saberes e experiências informacionais. Assim, a questão norteadora do presente trabalho é: Como as práticas informacionais podem ser compreendidas como uma das "Ideias para adiar o fim do mundo" à luz das reflexões de Ailton Krenak?

Diante disso, o objetivo deste trabalho consiste em refletir teoricamente sobre práticas informacionais como uma das ideias possíveis para adiar o fim do mundo, a partir do diálogo entre a obra de Ailton Krenak e os modelos propostos por Savolainen (1995, 2008) e Savolainen e Thomson (2022).

O trabalho inicia-se com esta Introdução e, na sequência, apresenta os fundamentos teóricos das práticas informacionais, com ênfase nos modelos ELIS, EIP e E-EIP; os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa; a obra Ideias para adiar o fim do mundo; a discussão dos resultados, construída a partir das categorias temáticas identificadas e de sua aproximação com os modelos de Savolainen; e por fim, as Considerações Finais.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Na Ciência da Informação, a abordagem das práticas informacionais amplia os estudos de uso e usuário ao assumir uma perspectiva crítica e interpretativa das ações dos sujeitos em seus contextos sociais, históricos, culturais e cotidianos. Essa compreensão permite analisar a informação em movimento, constituída nas redes sociotécnicas e nas relações estabelecidas pelos sujeitos com produtos culturais e informacionais (Marteleto, 2021). Diferentemente das tradições vinculadas aos paradigmas físico e cognitivo dos estudos de usuários, essa perspectiva ancora-se em uma abordagem social da informação, voltada à compreensão dos sujeitos em suas experiências e contextos de vida (Tanus; Rocha; Berti, 2021). Nessa direção, Tuominen e Savolainen (1997) contribuem para essa discussão ao compreender o uso da informação como

ação discursiva, construída nas interações sociais, nos discursos e nas conversações por meio dos quais os sujeitos produzem sentidos pela linguagem.

Reijo Savolainen é uma referência para a compreensão da informação no cotidiano e para a consolidação dos estudos de práticas informacionais na Ciência da Informação. Sua contribuição constitui um marco importante para a consolidação de uma abordagem social dos estudos de usuários, ao propor uma forma de compreender as ações dos sujeitos no cotidiano a partir de suas experiências. O modelo *Everyday Life Information Seeking* (ELIS), proposto por Savolainen (1995), evidencia uma perspectiva vinculada ao construtivismo social na compreensão da busca por informação como parte das práticas ordinárias da vida cotidiana. O modelo associa o "modo de vida" à forma como os sujeitos organizam suas atividades cotidianas e atribuem prioridades às diferentes dimensões da vida diária. Essa ordem orienta a busca e o uso da informação, uma vez que influencia a maneira como os sujeitos lidam com problemas em contextos situacionais e sociais específicos. O "domínio da vida" configura-se como parte estruturante do modelo e refere-se ao esforço de manter ou restabelecer uma organização cotidiana considerada significativa (Savolainen, 1995).

Savolainen, a partir da proposição do modelo ELIS inaugurou uma nova perspectiva ao incorporar contexto e vida cotidiana como dimensões para compreender a busca por informação, evidenciando que as relações dos sujeitos com a informação são atravessadas por experiências sociais, valores e condições da vida. Embora o modelo esteja centrado na busca de informação, ele constitui um antecedente importante para a abordagem das práticas informacionais cotidianas.

Em 2008, Savolainen apresenta o modelo *Everyday Information Practice* (EIP), traduzido como Práticas Informacionais Cotidianas, como uma reestruturação do modelo ELIS. A proposta enfatiza fatores contextuais e socioculturais da vida cotidiana e contempla o uso e o compartilhamento da informação como dimensões das práticas informacionais. Segundo Wang (2024), o EIP amplia a compreensão da vida cotidiana ao relacioná-lo ao mundo vivido dos sujeitos, abrangendo experiências já conhecidas ou novas, no trabalho e em outras dimensões da vida. O modelo permite compreender as práticas informacionais cotidianas como ações socialmente situadas, relacionadas aos modos pelos quais os sujeitos lidam com a informação em suas experiências ordinárias. Essa perspectiva é corroborada por Wang, Yan e Liu (2024), ao afirmarem que o domínio do EIP se diferencia dos estudos de comportamento informacional pela ênfase nos fenômenos sociais e nos contextos socioculturais.

O *Expanded Model of Everyday Information Practice* (E-EIP) traduzido como Modelo Expandido de Práticas Informacionais Cotidianas, proposto por Savolainen e Thomson (2022), amplia o modelo EIP uma vez que incorpora a criação de informação como dimensão das práticas informacionais, organizadas em dois modos: aquisição, que reúne atividades relacionadas à obtenção e ao uso da informação; e expressão que contempla atividades voltadas à produção e à comunicação de conteúdo. Dessa forma, o modelo E-EIP permite compreender as práticas informacionais cotidianas numa perspectiva ampla que articula busca, uso, criação e compartilhamento da informação. De acordo com Wang (2024), essa ampliação preserva elementos estruturantes dos modelos anteriores, como os contextos, os projetos de vida, as práticas e os fatores socioculturais, conferindo centralidade ao mundo vivido, considerando experiências, vínculos e interações entre sujeitos e grupos como dimensões constitutivas da vida cotidiana. A autora identifica ainda tendências de desenvolvimento do modelo relacionadas à criação de informação, ao planejamento e à gestão do tempo, bem como à atenção aos múltiplos papéis desempenhados pelos sujeitos no cotidiano (Wang, 2024).

Wang (2024) observa que a evolução dos modelos de Savolainen acompanha a crescente complexidade das práticas informacionais cotidianas, marcada pelo desenvolvimento tecnológico e pela ampliação da competência em informação dos sujeitos. Essa complexidade ganha maior visibilidade no modelo E-EIP, que identifica os modos de aquisição e expressão e evidencia vínculos entre busca, uso, criação e compartilhamento da informação. Com base nessa evolução, o modelo E-EIP, ainda que apresente limites teóricos, contribui para acentuar a orientação socioconstrutivista das práticas informacionais e reforça o diálogo com as Ciências Sociais (Savolainen; Thomson, 2022).

As definições de práticas informacionais apresentadas por autores nacionais e internacionais da Ciência da Informação aproximam-se da compreensão dessa abordagem como perspectiva teórico-metodológica voltada à investigação das relações dos sujeitos com a informação em distintos contextos. Nessa perspectiva, o conhecimento é construído coletiva e socialmente, sem desconsiderar as percepções individuais, uma vez que as dimensões individual e coletiva se constituem mutuamente (Araújo, 2017; Rocha; Gandra; Rocha, 2017).

As práticas informacionais são compreendidas, nesta revisão, como ações socialmente situadas, constituídas nas relações entre sujeitos, informação e vida cotidiana. Essa abordagem permite analisar a informação para além da busca em fontes específicas, considerando também processos de uso, apropriação, produção, circulação e compartilhamento de sentidos em

contextos sociais, culturais e históricos (Berti, 2023; Savolainen, 1995). Com base nos conceitos e modelos discutidos, este estudo considera como dimensões analíticas das práticas informacionais: o sujeito informacional, entendido como agente situado em relações sociais; o contexto, compreendido como configuração social, cultural e histórica; o cotidiano, tomado como espaço de experiência e socialização; o diálogo e a interação, vinculados à construção coletiva de sentidos; e, a partir do modelo E-EIP, os modos de aquisição e expressão, que abrangem busca, uso, criação e compartilhamento da informação (Savolainen; Thomson, 2022; Tanus; Berti; Rocha, 2022). Essas dimensões permitem compreender as práticas informacionais como processos dinâmicos de relação com a informação, marcados pela historicidade dos sujeitos, pelas condições concretas da vida cotidiana e pela produção social de sentidos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder à pergunta norteadora e alcançar o objetivo proposto, o estudo adotou abordagem qualitativa, de natureza exploratória, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica. O *corpus* principal da pesquisa é constituído pela obra Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak, analisada à luz dos modelos de práticas informacionais propostos por Savolainen (1995, 2008) e Savolainen e Thomson (2022).

A análise e interpretação do *corpus* foram orientadas pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), com ênfase na categorização temática e nas três fases propostas: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados e interpretação. Na fase de pré-análise, realizou-se a leitura exploratória da obra de Krenak, com atenção aos temas recorrentes. Na fase de exploração do material, foram identificados e agrupados os elementos, considerando recorrência, relevância e pertinência, e posteriormente configurados em categorias temáticas: Padronização da vida, Território, Saberes e memórias, Orientação da vida e Imaginação.

Por fim, no tratamento dos resultados e interpretação, as categorias temáticas foram articuladas ao referencial teórico das práticas informacionais e orientaram a discussão dos resultados, permitindo analisar de que modo elementos presentes na obra de Krenak podem ser aproximados das práticas informacionais.

4 IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Ailton Krenak, nascido na região do Vale do Rio Doce, território marcado pela atividade de extração de minérios e por conflitos socioambientais, é uma liderança indígena, intelectual

e escritor brasileiro, primeiro indígena a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2023, e autor dentre outras obras, de "Ideias para adiar o fim do mundo", onde problematiza os fundamentos da ideia moderna de humanidade e questiona os efeitos políticos, ambientais e existenciais dessa construção. A obra é composta por três seções: "Ideias para adiar o fim do mundo", "Do sonho e da terra" e "A humanidade que pensamos ser".

Na primeira seção, Krenak questiona a formação histórica da ideia de humanidade e sua relação com a violência colonial. Para o autor, a ideia de uma humanidade esclarecida, autorizada a conduzir outros povos ao modelo civilizatório europeu, sustentou práticas de dominação e apagamento de formas plurais de existência. Essa crítica aparece quando o autor questiona se é possível falar em humanidade diante da alienação de grande parte das pessoas do "mínimo exercício de ser". A modernização é apresentada como processo que arrancou sujeitos de "[...] seus coletivos e de seus lugares de origem, para serem jogadas nesse liquidificador chamado humanidade", comprometendo vínculos com a memória ancestral e com as referências que sustentam identidades coletivas (Krenak, 2019, p. 14).

A crítica à humanidade também se relaciona à separação entre a humanidade e a Terra, onde o autor contesta a compreensão da natureza como algo externo aos seres humanos e afirma que a Terra não pode ser reduzida a objeto de uso ou exploração. Ao refletir sobre o mito da sustentabilidade, Krenak identifica uma forma de justificar a apropriação corporativa da natureza. A afirmação de que "tudo é natureza" (p. 17) sintetiza essa recusa da separação entre humanidade, Terra e cosmos. Na perspectiva do autor, rios, pedras, montanhas e florestas se configuram como presenças dotadas de sentido nas relações mantidas por diferentes povos com seus territórios.

A obra também evidencia a crítica à homogeneização das formas de vida:

> [...] nós, os humanos, nos descolamos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferecer o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (Krenak, 2019, p. 23)

Nessa perspectiva, Krenak (2019 p. 24) cita José Mujica que disse "que transformamos as pessoas em consumidores e não em cidadãos". Para o autor, a abstração civilizatória moderna suprime a diversidade e impõe uma forma única de habitar o mundo que atinge línguas, hábitos, cosmovisões e formas comunitárias de existência, principalmente entre povos situados nas margens daquilo que o autor chama de humanidade. Em oposição a essa

lógica, o autor valoriza experiências coletivas enraizadas na terra, nas memórias de origem e na continuidade de modos próprios de organização.

Nesse contexto, adiar o fim do mundo aparece como possibilidade de manter narrativas e experiências coletivas em circulação, para o autor, contar mais uma história constitui uma forma de enfrentar o esvaziamento dos sentidos da vida: "sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim" (Krenak, 2019, p. 27). A seção se encerra com a valorização da resistência dos povos originários, da diferença entre etnias, línguas e modos de existência, bem como da expansão das subjetividades como forma de recusar a homogeneização imposta pela ideia moderna de humanidade.

Na seção "Do sonho e da terra", Krenak aprofunda a relação entre território, ancestralidade e existência coletiva. O autor apresenta o rio Doce, chamado Watu pelo povo Krenak, como avô e como parte da construção coletiva daquele povo:

> Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (Krenak, 2019, p. 40).

Nesse contexto, a Terra é compreendida como um organismo vivo e lugar de comunhão e sustenta as denúncias observadas por Krenak sobre os efeitos da despersonalização dos rios, montanhas e florestas. A destruição provocada pela mineração aparece como experiência concreta do fim do mundo, uma vez que atinge o rio que mantinha a vida do povo Krenak às margens do rio Doce. Na perspectiva do autor, o Watu ficou coberto por material tóxico, deixando o povo órfão e acompanhando "o rio em coma" (Krenak, 2019, p. 42). Krenak associa a devastação ambiental à ruptura de uma relação afetiva e ancestral onde a Terra é compreendida como organismo vivo em uma dimensão que envolve subsistência e sentido de existência.

Krenak também associa a crise contemporânea à perda de uma ética compartilhada com a Terra: "sentimo-nos como se estivéssemos soltos num cosmos vazio de sentido e desresponsabilizados de uma ética que possa ser compartilhada, mas sentimos o peso dessa escolha sobre as nossas vidas" (Krenak, 2019, p. 44). Nesse trecho, o autor evidencia os efeitos de uma forma de vida que rompe vínculos com os lugares de origem e enfraquece a responsabilidade comum diante da vida. Nesse contexto, a cooperação entre os povos aparece

como possibilidade de enfrentamento da cegueira produzida pelo modelo civilizatório moderno, como uma condição para a própria continuidade da vida humana.

O autor amplia suas reflexões ao observar que a ameaça antes vivida pelos povos indígenas, marcada pela ruptura dos sentidos de suas existências, tornou-se uma condição comum, pois a Terra já não suporta as demandas impostas pelo mundo da mercadoria. Krenak denuncia o dilema de uma estrutura social que pretende garantir a existência de comunidades humanas à custa da exaustão "de todas as outras partes da vida" (Krenak, 2019, p. 46). Essa reflexão se articula à discussão sobre o Antropoceno, que diz respeito às mudanças climáticas, meio ambiente e diversidades provocada pelo homem no organismo Terra, é uma concepção que coloca os recursos naturais como elementos importantes para a exploração econômica em detrimento da vida humana.

O sonho é apresentado por Krenak como uma prática de orientação da vida, tratando-o como um exercício relacionado à formação, à cosmovisão e ao aprendizado, em um contexto de exaustão da vida: "um exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia" (Krenak, 2019 p. 52). O sonho pode informar escolhas, inspirar cantos, orientar curas e contribuir para a resolução de questões práticas. Essa compreensão amplia o sentido do conhecimento, pois reconhece formas de saber que não se restringem à racionalidade moderna. O autor reúne a crítica à exaustão da Terra e a valorização do sonho como caminho de orientação e mostra que a continuidade da vida depende da capacidade de restituir sentido às relações com os territórios, os seres e as formas coletivas de existência.

Na seção "A humanidade que pensamos ser", Krenak retoma a crítica ao Antropoceno a partir de uma reflexão sobre o modo como a humanidade se acostumou a uma imagem fixa de si mesma e da Terra. Tal percepção indica que a humanidade explora o planeta e constrói uma imagem de que a terra existe para sustentar seus habitantes. Para o autor, "o nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno" (Krenak, 2019, p. 58). Essa crítica se aprofunda quando Krenak associa essa imagem a uma construção do imaginário coletivo, formada por gerações, desejos e projeções acumuladas ao longo do tempo, como se a memória coletiva tivesse produzido uma imagem idealizada da relação entre humanidade e Terra (Krenak, 2019, p. 58). Nesse contexto, a Terra aparece como mãe farta, próspera, amorosa, carinhosa e inesgotável; contudo, quando essa relação é transferida para a mercadoria, para os objetos e para os aparatos técnicos, a

experiência de pertencimento dá lugar a uma lógica de consumo que se sobrepõe ao corpo da mãe Terra (Krenak, 2019, p. 59).

Krenak relaciona o medo contemporâneo da queda ao desconforto produzido pela ciência moderna, pelas tecnologias e pelas divisões políticas do século XX. A imagem do muro no contexto da Guerra Fria, expressa a separação entre mundos marcados pela desconfiança e pela ameaça permanente, condição que revela, na perspectiva do autor, uma experiência de abismo que evidencia a dificuldade de imaginar outras possibilidades de existência (Krenak, 2019). Diante desse cenário de "queda" iminente, Krenak propõe inventar formas de atravessar e sobreviver. Uma das formas é ilustrada com os "paraquedas coloridos" que sugere modos mais criativos de permanecer na Terra (Krenak, 2019, p. 63). Nessa mesma direção, o autor critica a subordinação da ciência à técnica e à mercadoria, ao observar que descobertas e inovações tendem a ser capturadas por mercados previamente organizados, sem vislumbrar a abertura de outros horizontes de vida (Krenak, 2019, p. 64).

Ao final da seção, Krenak retoma o sonho como lugar de onde podem ser projetados os paraquedas, onde o sonho não aparece como fuga da realidade, mas como experiência capaz de abrir outras visões da vida e outras formas de relação com aquilo que a modernidade chamou de natureza. Assim, a seção "A humanidade que pensamos ser" encerra a obra questionando a confiança moderna na técnica, na mercadoria e na centralidade humana, aponta para a necessidade de imaginar outros modos de existir, menos presos ao consumo e mais abertos à pluralidade da vida na Terra e caracteriza o Antropoceno como "caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações" (Krenak, 2019, p. 72).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da obra Ideias para adiar o fim do mundo permitiu identificar cinco categorias temáticas: Padronização da vida, Território, Saberes e memórias, Orientação da vida e Imaginação. Essas categorias foram construídas a partir da recorrência e da relevância dos núcleos de sentido presentes no *corpus* e interpretadas à luz das dimensões das práticas informacionais discutidas no referencial teórico: sujeito informacional, contexto, cotidiano, diálogo, interação, aquisição, expressão e criação. Considerando as características qualitativa, exploratória e bibliográfica da pesquisa, os resultados correspondem a uma interpretação teórico-reflexiva, onde a obra de Krenak permite compreender que "adiar o fim do mundo" envolve práticas de sustentação de sentidos, vínculos e formas coletivas de existência. Quando

aproximadas dos modelos ELIS, EIP e E-EIP, de Savolainen, essas práticas podem ser interpretadas como modos de produzir, circular, apropriar, compartilhar e criar sentidos no cotidiano.

A categoria **Padronização da vida** se estrutura a partir dos questionamentos e proposições de Krenak em torno da ideia de uma humanidade universal, protocolar, alienada e homogeneizada: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade? (p.13)” O autor apresenta críticas à noção moderna de humanidade, que tem sustentado escolhas históricas marcadas por dominação e apagamento de formas diversas de modos de vida; e à existência de uma “humanidade esclarecida”, autorizada a conduzir outros povos ao modelo civilizatório europeu (Krenak, 2019).

As críticas de Krenak se aproximam das práticas informacionais na perspectiva do modelo ELIS, especificamente na abordagem do “modo de vida” e na dimensão do sujeito informacional compreendido como sujeito coletivo situado em relações sociais, históricas e culturais. Krenak afirma que os processos de modernização retiraram os sujeitos de seus coletivos e de seus lugares de origem, comprometendo vínculos com a memória ancestral. Nessa perspectiva, evidencia-se que a vida cotidiana é constituída por pertencimentos e experiências compartilhadas. Assim, práticas informacionais vinculadas à memória e à identidade podem atuar contra a padronização da vida ao manterem em circulação sentidos que não se ajustam à lógica padronizada do projeto civilizatório moderno.

A categoria **Território** evidencia a relação entre a Terra e o mundo vivido. Na obra de Krenak, o território aparece como dimensão que constitui a existência coletiva. O Rio Doce Watu é apresentado como avô e como parte da construção coletiva e identitária do povo Krenak. Essa compreensão amplia a noção de contexto nas práticas informacionais, uma vez que abarca as condições externas em que uma prática ocorre e envolve relações simbólicas, afetivas, históricas e materiais que orientam modos de conhecer e de viver. Nessa perspectiva, o modelo EIP reforça a atenção aos contextos socioculturais e ao compartilhamento da informação. Em diálogo com Krenak, essas contribuições permitem afirmar que o território também se insere nas práticas informacionais: rios, florestas, paisagens e lugares de origem são referências que participam da construção de sentidos e do reconhecimento dos modos de vida coletivos.

A categoria **Saberes e Memórias** estruturou-se a partir de trechos relacionados à ancestralidade, às línguas, às narrativas e às formas coletivas de transmissão. Quando Krenak

afirma que “adiar o fim do mundo” é poder contar mais uma história, a narrativa aparece como prática de continuidade da vida, de manutenção de experiências, referências e formas de compreensão do mundo que resistem ao apagamento produzido pela humanidade. Essa categoria dialoga diretamente com as dimensões de práticas informacionais: diálogo, interação e compartilhamento, que, nesse caso, não se limitam a fontes formais ou sistemas institucionalizados, uma vez que se realizam nas conversas, nas narrativas, nas memórias transmitidas e nos saberes compartilhados entre sujeitos individuais e coletivos. Essa perspectiva se aproxima da compreensão da informação como ação discursiva, construída nas interações sociais e nas formas pelas quais os sujeitos produzem sentidos pela linguagem (Tuominen; Savolainen, 1997).

A categoria **Orientação da vida** se configurou a partir dos trechos em que o sonho é apresentado como “um exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia” (Krenak, 2019, p. 52). Essa formulação permite aproximar o sonho das práticas informacionais sem reduzir a uma metáfora ou experiência onírica, uma vez que o sonho aparece como modo de buscar orientação, de resolução “de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades” (p.52). Krenak compreende o sonho como uma “disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que tem no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na interação com o mundo e com outras pessoas (p.53). Essa categoria se articula ao modo de aquisição do E-EIP, pois envolve busca e uso de saberes situados e do modo de expressão, uma vez que o sonho se relaciona a cantos, cura, inspiração, formação e aprendizado. Dessa forma, compreende-se que o E-EIP oferece base teórica para compreender que práticas informacionais podem abranger formas de conhecimento que não se limitam à racionalidade moderna ou às fontes legitimadas por instituições formais. Essa categoria também dialoga com as tendências apontadas por Wang (2024), especialmente no que se refere ao planejamento da vida cotidiana, considerando que o “sonho” atua como prática de orientação para escolhas, aprendizado e interação com o mundo.

A categoria **Imaginação** se estruturou a partir das críticas à técnica e à invenção de outros modos de existir, bem como dos elementos figurativos: queda, abismo e paraquedas coloridos. Krenak problematiza o Antropoceno como expressão de uma crise que envolve o modo como a humanidade ocupa a Terra, se enxerga e organiza suas relações. Partindo da figura

do abismo e da queda, o autor propõe a invenção de formas de atravessar esses cenários, representadas pela imagem dos paraquedas coloridos, considerando a ausência de soluções técnicas reconhecidas. Essa categoria apresenta aderência ao modelo E-EIP, especialmente à dimensão da criação, considerando que criar informação, nesse contexto, significa produzir conteúdo e elaborar sentidos capazes de abrir possibilidades de existência. Ao criticar a subordinação da ciência à técnica e à mercadoria, Krenak questiona respostas instrumentais para a crise contemporânea e indica possibilidades que envolvem criatividade e imaginação, que configuradas aqui como categorias, podem ser compreendida como prática informacional de expressão, uma vez que produz sentidos que confrontam a exaustão da Terra e a captura da vida pela mercadoria.

A articulação entre as categorias analisadas e os modelos ELIS, EIP e E-EIP permite compreender que o diálogo entre Savolainen e Krenak amplia a noção de práticas informacionais para além da busca ou do uso da informação. Wang (2024) reforça essa interpretação ao indicar que o desenvolvimento dos modelos, ao longo de três décadas, preserva componentes como contextos, projetos cotidianos, fatores socioculturais e amplia a atenção ao mundo vivido, às relações entre sujeitos e grupos e à criação de informação. Nesse sentido, as categorias discutidas evidenciam práticas de sustentação de sentidos no cotidiano, ao envolver modos de resistir à padronização da vida, reconhecer vínculos territoriais, compartilhar saberes, orientar escolhas e criar possibilidades diante da crise civilizatória.

Assim, em resposta à questão norteadora da pesquisa, as práticas informacionais podem ser interpretadas como práticas de reexistência, uma vez que confrontam a exaustão produzida pelo modelo civilizatório moderno e mantêm vivas formas diversas de existência. Nessa perspectiva, podem ser compreendidas como uma das ideias para adiar o fim do mundo, na medida em que atuam na produção social de sentidos e contribuem para sustentar modos plurais de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou refletir sobre práticas informacionais como uma das ideias possíveis para adiar o fim do mundo, a partir do diálogo entre Krenak (2019) e os modelos ELIS, EIP e E-EIP, propostos por Savolainen (1995, 2008) e Savolainen e Thomson (2022). A análise permitiu compreender que as proposições de Krenak dialogam com elementos centrais das

práticas informacionais, especialmente a vida cotidiana, a produção de sentidos e as relações entre conhecimentos, sujeitos e contextos.

As categorias identificadas permitiram relacionar a obra de Krenak às dimensões das práticas informacionais: a categoria Padronização da vida evidenciou os processos de homogeneização que afetam diferentes modos de existência e a importância das narrativas como forma de resistência; a categoria Território destacou que os espaços vividos constituem cenários das relações humanas, envolvidos com a produção de sentidos, a construção de conhecimentos e os vínculos de pertencimento; a categoria Saberes e memórias ressaltou o papel das narrativas, das experiências e dos conhecimentos compartilhados entre gerações na continuidade de distintas formas de interpretar o mundo; a categoria Orientação da vida mostrou que o sonho pode atuar como referência para as experiências cotidianas, ampliando a compreensão sobre os modos pelos quais os sujeitos produzem e atribuem sentido às suas vivências; e a categoria Imaginação permitiu compreender a criação e a expressão, dimensões do modelo E-EIP, como possibilidades de elaborar sentidos diante da crise civilizatória.

Com base nas reflexões apresentadas, verificou-se que Krenak não propõe um programa ou metodologia para adiar o fim do mundo, sua obra provoca questionamentos que instigam a pensar outros modos de viver e imaginar a continuidade da vida. Desse modo, sem pretensão de estabelecer resultados definitivos, a análise evidenciou o dinamismo das práticas informacionais para pensar possibilidades de adiar o fim do mundo à luz da obra de Ailton Krenak.

Essa discussão pode se efetivar na prática a partir de ações informacionais comprometidas com a valorização de saberes situados, que podem favorecer a circulação e a preservação de narrativas e memórias, o reconhecimento de vínculos territoriais e a produção coletiva de sentidos, em diferentes contextos. Isso implica considerar sujeitos e comunidades como produtores de saberes e de formas próprias de interpretar o mundo. Nessa perspectiva, adiar o fim do mundo também pode significar fortalecer práticas capazes de enfrentar a padronização da vida e ampliar a visibilidade de experiências historicamente silenciadas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. especial, p. 217–236, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655 Acesso em: 20 maio 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTI, I. C. L. W. Estudos de usuários e a formação do conhecimento na perspectiva das práticas informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., 2023. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/226565. Acesso em: 20 maio 2026.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTELETO, R. M. O campo de estudos da informação e a transversalidade do seu objeto: desafios teóricos e metodológicos para estudar as práticas informacionais. *In:* TANUS, G. F. de S.; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W. (org.). **Práticas informacionais em diálogo com as Ciências Sociais humanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica Editora, 2021. p. 13-20.

ROCHA, E. C. F.; GANDRA, T. K.; ROCHA, J. A. P. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios Journal of Librarianship and Information Science**, [*s. l.*], n. 68, p. 96-109, 2017. Disponível em: https://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/445. Acesso em: 20 maio 2026.

SAVOLAINEN, R. **Everyday information practices**: a social phenomenological perspective. Lanham: Scarecrow Press, 2008.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking approaching information seeking in the context of "way of life". **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740818895900489. Acesso em: 30 maio 2026.

SAVOLAINEN, R.; THOMSON, L. Assessing the theoretical potential of an expanded model for everyday information practices. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [*s. l.*], v. 73, n. 4, p. 511–527, 2022. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com. Acesso em: 30 maio 2026.

TANUS, G. F. de S. C.; BERTI, I. C. L. W.; ROCHA, J. A. P. Em cena os usuários e os sujeitos informacionais: um olhar para os estudos de usuários e para as práticas informacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 146-166, out./dez. 2022. Disponível em:https://www.scielo.br/j/pci/a/MRvrt9zhK6Zgnfz6HnFs5Ph/. Acesso em: 20 maio 2026.

TANUS, G. F. de S. C.; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W. **Práticas Informacionais em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda, p. 21-37, 2021.

TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. A social constructionist approach to the study of information use as discursive action. *In:* VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (org.) **Information seeking in context**. Londres: Taylor Graham, 1997. p. 81-96. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261773504. Acesso em: 30 maio 2026.

WANG, X. Savolainen's everyday information practices: concept and development. **Information Research an international electronic journal**, [*s. l.*], v. 29, n. 2, p. 611–618, 2024. Disponível em: https://publicera.kb.se/ir/article/view/55481. Acesso em: 9 jun. 2026.

WANG, X.; YAN, P.; LIU, C. Responsibility toward society: a review and prospect of Savolainen's everyday information practice. **Data and Information Management**, [*s. l.*], v. 8, n. 3, p. 100070, 2024. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article. Acesso em: 9 jun. 2026.